

# Reflexões sobre o hipertexto fora e dentro do meio digital

## Reflections on the hypertext inside and outside digital media

Tereza Virginia de Almeida (UFSC)  
Isabela Melim Borges Sandoval (UFSC)

### Resumo

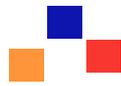
Neste artigo, abordamos as muitas conexões realizadas pelo sujeito no processo de decodificação de textos e hipertextos. As operações implementadas pelo leitor de hipertextos são compreendidas como similares àquelas realizadas em todo ato de leitura. Ao buscar respostas para as questões acerca da especificidade do hipertexto no contexto contemporâneo, chegamos à ideia de um *hipersujeito*. O *hipersujeito* contemporâneo interage no meio digital através de múltiplos sentidos (tato, visão, audição) e desafia a dicotomia entre corpo e espírito, inaugurada pela cultura impressa.

**Palavras-Chave:** hipertexto, texto, leitor

### Abstract

In this paper, we address the many connections made in the process of decoding texts and hypertexts. In this sense, the operations implemented by the hypertext reader are understood as similar to those carried out in any act of reading. Upon seeking answers to questions regarding the specificity of hypertext in the contemporary context, we come to the idea of a hyper-subject. The contemporary hyper-subject interacts in the digital environment through multiple senses (touch, sight, hearing) and challenges the dichotomy between body and spirit inaugurated by print culture.

**Keywords:** hypertext, text, reader



## A contemporaneidade do hipertexto

Discorrer sobre o hipertexto é uma tarefa difícil, assim como abordar qualquer fenômeno que trate de leitura/texto/cultura e suas transformações no contexto contemporâneo, em função da complexidade de questões envolvidas.

No ensaio “O que é o contemporâneo”, Giorgio Agamben (2010) tenta soltar as amarras do pensamento e afirma que se deve pensar o contemporâneo de modo fragmentado e, não como de costume, a partir de uma temporalidade diacrônica (AGAMBEN, 2010, p. 56-73).

“O que é o contemporâneo?” é um ensaio que interpela os alicerces comuns daquilo que se acredita ser contemporâneo: “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2010, p. 59). Para abordar o contemporâneo, Agamben se utiliza de uma alegoria. Para o filósofo, o ser contemporâneo é aquele que recebe no rosto um fecho de trevas proveniente do seu tempo e é nesse momento que se dá o despertar crítico, a saída do lugar comum confortável em que são consideradas somente as luzes. Há que se levar em conta as trevas, a escuridão. De fato, diz Agamben,

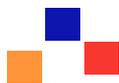
a contemporaneidade se inscreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo (AGAMBEN, 2010, p. 69).

Mas, que relação estabelecer entre as reflexões de Agamben e o hipertexto, o tema de nosso artigo?

É na contemporaneidade, tal como pensada pelo filósofo, que se pretende vislumbrar o hipertexto que traz, em sua modernidade, em seu presente, algo do passado. O hipertexto é contemporâneo de um leitor que precisa vê-lo de uma forma diferente daquela recorrente na atualidade, ou seja, a que acredita que ele só existe no meio digital.

No ensaio “O pensamento e a exigência de descontinuidade”, Maurice Blanchot (2001) discorre sobre as relações entre o ato de escrever e a exterioridade do pensamento. A força da escrita e o ato de pensar questionam a preexistência de formas com a pretensão de mostrar algum caminho, assim como o faz a leitura. Blanchot não admite o fechar-se na forma, na unidade (naquilo que é previsível), assume a fragmentação e a descontinuidade e realmente acredita na potência de ambas (BLANCHOT, 2001, p. 29-39). É desta maneira que se pretende pensar o hipertexto: fragmentado, não linear, descontinuado, abrupto, contemporâneo de si mesmo e da atualidade.

Assim, com a apropriação das ideias de fragmento, de descontinuidade e desterritorialização, noções que serão tratadas ao longo do texto, intencionamos abordar o conceito de hipertexto, suas implicações e analogias e compará-lo com o que é criado quando há a leitura do texto físico, impresso. Para tal, é vital levarmos em consideração diferentes elucidações do vocábulo ‘hipertexto’, que variam de teórico para teórico.



## Hipertexto em perspectiva

É justo iniciar com as perspectivas analíticas (menos filosóficas e mais técnicas) de Theodore Nelson, que cunhou o termo 'hipertexto' em 1965<sup>1</sup>. Nelson o define como uma escrita que não segue uma sequência prévia, em que o leitor decide o caminho que deve percorrer para que a leitura faça sentido. Para Nelson, o suporte interativo é capaz de desenvolver uma melhor apreensão por parte do leitor. No entanto, em momento algum, Nelson deixa claro que tal suporte seja condição *sine qua non* para a realização do hipertexto (MOURA, 2011).

Posteriormente aos escritos de Nelson, veio à tona uma gama de outros estudos que se baseavam na manifestação do hipertexto apenas por meio do suporte computacional, tanto que no próprio dicionário Aurélio consta:

Hipertexto (ês) *sm. Inform.* Conjunto de blocos mais ou menos autônomos de texto, apresentado em meio eletrônico computadorizado e no qual há remissões associando entre si diversos elementos, de tal modo que o leitor possa passar diretamente entre eles, escolhendo seu próprio percurso de leitura, sem seguir sequência predeterminada (HOLANDA, 2001, p. 365).

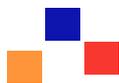
Assim, é possível verificar que o significado da palavra 'hipertexto' carrega o meio eletrônico como condição para existir.

Segundo Pierre Lévy (2011), em *O que é o virtual*, o hipertexto não segue a "norma" acima descrita. O autor vislumbra outros horizontes que descrevemos a seguir. Primeiramente, há de se considerar que Lévy refuga a oposição virtual/real, por conceber uma diferenciação entre o real e o possível e entre o atual e o virtual:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente [...]. Aqui, cabe introduzir uma distinção capital entre possível e virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Differéncia et repetition*. O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência. A realização de um possível não é

---

1 Vale lembrar que Theodore Nelson escreveu o livro em questão duas décadas após o artigo de Vannevar Bush, *As we may think*, de 1945. Este, considerado o 'abre alas' da teoria hipertextual, apregoava que seu funcionamento era tal qual o pensamento humano, por meio de cadeias associativas. E foi em decorrência dessa ideia que criou o *memex*, um aparelho no qual o indivíduo armazenaria seus livros, arquivos e mensagens e que seria mecanizado para que pudesse ser consultado com alta velocidade e flexibilidade. Esse aparelho facilitaria ao usuário armazenar um grande número de dados, cuja capacidade de entrecruzamentos se assemelharia à internete (MOURA, 2011, p. 21-23).



uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma ideia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica (LÉVY, 2011, p. 15-16).

Para Pierre Lévy (2011), o virtual é um movimento que não se confronta com o real, mas com o atual, uma vez que o virtual já existe a partir de uma essência, sendo a parte constitutiva de sua determinação, a sua potência. O virtual ultrapassa qualquer aplicação coloquial do senso comum<sup>2</sup>, não sendo possível identificá-lo simplesmente com o que não é, o etéreo, o 'fantasmagórico' ou o desmaterializado. O virtual não diverge do real dessa maneira simplista, definido como a materialidade ou como o que tem "existência" física. Ele é muito provavelmente desterritorialização, desprendimento do aqui e agora, tal qual a noção blanchotiana daquilo que "não se fecha em si mesmo", mas nem por isso tem a sua "existência" impedida. O virtual não se contrapõe ao real, mas ao possível e ao atual. Ele é uma circunstância que se vincula e complementa as diferentes maneiras de ser: o possível, o real e o atual.

O possível seria o 'real fantasmagórico, latente' (LÉVY, 2011, p. 16), semelhante ao real, mas sem 'existir': pode ou não se realizar. Entretanto, continua sendo o que era, incapaz de criação alguma, diferentemente da virtualização. O virtual acaba por atualizar-se, sem se concretizar de forma efetiva; seria o "nó" de tendências que acompanha uma situação, uma mudança de identidade.

A atualização pode ser concebida como uma resposta do virtual, uma criação de uma forma original, insólita, em resposta a determinado problema, a um encadeamento de virtualizações. Essa resposta, de forma alguma, será definitiva, mas nova e totalmente desestruturada por outra reorganização daquela resposta dada pela atualização sob o prisma de um novo problema. E este é o ponto de interesse (pelo menos um deles, neste presente momento): a produção de ideias novas, transformando-as, questionando-as incessantemente, fomentando a transformação do *mesmo* em *outro*.

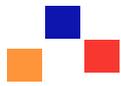
A virtualização é responsável pela gênese de uma série de problemas que circunda o acontecimento, sendo percebida como uma metamorfose identitária, em que se concretiza a 'heterogênese' do mundo e do Ser. O pensamento e a ação têm a habilidade de *re-ver*, *re-interpretar* uma atualização, modificando-a e ressignificando-a *ad infinitum*. Multiplicar o corpo (aqui se pensa no corpo enquanto texto) é uma das facetas da virtualização que tem como fator capital a entrada da subjetividade humana.

As reflexões sobre tais conceitos são caras e ajudam a compreender e desmistificar a concepção de que o hipertexto se dá apenas por intervenção de aparatos do meio digital.

Para Pierre Lévy (2011), o texto é uma entidade virtual e abstrata que se atualiza por meio da leitura. O leitor é capaz de desencadear "cascatas de atualizações" para que o texto lhe faça sentido. O leitor concatena a leitura e a escuta de um texto com seu amarrotamento, com a dobra do texto sobre si mesmo:

---

2 Aplicação que prevê uma diferenciação entre o real e o virtual, sendo aquele inerente à realidade e este, a algo plausível apenas no meio digital.



Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitude inicial, esse ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos (LÉVY, 2011, p. 36).

Lévy (2011) traz na passagem acima o desdobramento e a dobra como ações que são inerentes ao momento da leitura, mesmo na relação com um texto linear, que ocorre não necessariamente por meio de aparato digital. O autor, neste momento, fala sobre o ato de leitura, visto como uma atualização, que consiste numa dobra do texto sobre si mesmo e sobre outros textos:

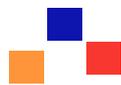
Mas enquanto o dobramos sobre si mesmo, produzindo assim sua relação consigo próprio, sua vida autônoma, sua aura semântica, relacionamos também o texto a outros textos, a outros discursos, imagens, a afetos, a toda a imensa reserva flutuante de desejos e de signos que nos constitui. Aqui não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada (LÉVY, 2011, p. 36).

As observações de Pierre Lévy (2011) permitem que compreendamos o quanto as inter-relações que configuram o hipertexto estão presentes na condição individualizada de todo ato de leitura que inevitavelmente percorre um caminho não previsto na escritura. Além disto, ao compreender o sujeito como constituído de signos e desejos, Lévy permite que se pense o caráter hipertextual do próprio processo de subjetivação, já que não é possível inscrever-se no mundo sem operar as conexões que possibilitam as representações de si.

Há no pensamento de Lévy dois temas muito importantes que surgem na filosofia do século XX: a ideia de dobra e a construção de si por meio da subjetividade. Esta remete às *técnicas de si*, tal como formuladas por Michel Foucault (1988), e aquela, à noção de *dobra*, apresentada por Deleuze (2000).

Michel Foucault (1988) aborda a noção socrática de cuidado de si, amplamente praticada em vários períodos da antiguidade clássica, e que se manifesta através de uma atenção especial à autorreflexão da qual participa a escrita:

A escrita era também importante na cultura do cuidado de si. Um dos diversos aspectos de tomar conta de si envolvia tomar notas sobre si para serem relidas, escrever tratados e cartas aos amigos para ajudá-los, e manter cadernos de anotações de forma a reativar para si as verdades de que se precisava. As cartas de Sócrates são um exemplo deste auto-exercício. O si é algo sobre o qual há assunto para escrever, um tema ou um objeto (um sujeito) da atividade da escrita [...]. Um novo cuidado de si implica uma nova experiência de si. Uma relação se forma entre a escrita e a vigilância. Prestava-se atenção às nuances da vida, aos estados da alma e à leitura, e a experiência de si era intensificada e ampliada em virtude deste ato de escrita (FOUCAULT, 1988, p.27-28, tradução nossa).



Assim, de acordo com Foucault (1988), é possível observar que uma técnica de si pode ser interpretada como a representação de um novo sujeito que se reinventa a cada nova leitura, a cada atualização (ainda que dentro do mesmo texto). Vemos aí, portanto, nesse processo de subjetivação que se dá através da escrita, algo que nos remete à hipertextualidade contemporânea. Além disso, é possível indagar sobre a própria relação da subjetividade com o hipertexto. Se se considera o hipertexto como uma rede interligada com vários outros textos e afins, a renovação do sujeito é inerente a cada nova conexão ou nó de sentido da rede. Talvez possamos falar de um *hipersujeito*, uma vez que sempre fica algo do antigo no novo (sujeito) durante uma atualização, ao mesmo tempo em que este se torna sempre diversamente outro.

No que diz respeito à noção de dobra presente no texto de Lévy (2011), é importante ressaltar que Gilles Deleuze (2000) a assinala como constitutiva da cultura barroca. A dobra que vai ao infinito seria, para Deleuze, o elemento que possibilita a conexão entre os mundos material e imaterial. O autor apresenta, para tal, a alegoria da casa barroca composta de dois andares conectados pelo lado de dentro. No andar de cima, fechado, estaria o imaterial; no andar de baixo, a matéria que poderia se comunicar tanto com o andar de cima quanto com o exterior através de janelas. Segundo Deleuze, portanto, os mundos material e espiritual, os corpos e as almas e os seres estão conectados, interligados num processo de dobradura infinita (DELEUZE, 2000, p.13-30).

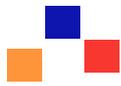
Em *Materializing new media* (2006), Anna Munster utiliza-se da definição de *dobra barroca* de Deleuze para pensar a relação entre corpo e máquina na cultura digital. Não trataremos aqui propriamente da cultura digital, visto que o propósito do artigo é abordar o hipertexto. No entanto, há algumas observações que são relevantes para o assunto proposto.

Munster (2006) apropria-se do conceito de dobra, literalmente, como um pedaço de tecido ou papel que coexiste de forma confluyente e dissonante, ou convergente e divergente. Assim, surge mais uma questão: de que o digital se desdobra? E, no caso deste artigo, do que o hipertexto se desdobra? Munster esclarece, ao comparar o contexto digital contemporâneo com a cultura barroca:

O barroco pode, a seu tempo, ser visto como o traçado de uma topografia em que as relações de conexão e da diferença entre os organismos vivos, objetos materiais, ciências e as paixões formavam uma malha de territórios dobráveis. Cada vez mais esses tipos de relações também estão se tornando um modo viável para articular as relações entre materialidade e informação no hábitat digital contemporâneo (MUNSTER, 2006, p. 32, tradução nossa)<sup>3</sup>.

---

3 Cf. o trecho original: “The baroque can, in its own time, be seen as marking out a topography in which the relations of connection and difference between lived bodies, material objects, scientia and the passions formed a mesh of enfolded territories. Increasingly these kinds of relations are also becoming a viable mode for articulating the materiality-information relationships of our contemporary digital habitat”.



Desta forma, a interação homem-máquina é essencial para que o hipertexto efetivamente aconteça, já que é preciso um corpo e a subjetividade que nele aporta para efetuar uma trajetória de nós, de forma a realizar o processo de produção de sentido. Ou seja, é dentro desta “malha de territórios dobráveis” que o hipertexto pode ser inserido e se desdobrar, sendo a dobra uma configuração de encontro cotidiano de desdobramentos, de reverberações, o *des-lugar* de produção do hipertexto. Este, por sua vez, pode configurar-se como uma dobra infinita de si mesmo.

Ao que chamamos aqui de “des-lugar”, Pierre Lévy (2011) denomina “desterritorialização”, um processo constitutivo da própria produção de sentido diante do hipertexto:

O sentido emerge de efeitos de pertinência locais, surge na intersecção de um plano semiótico desterritorializado e de uma trajetória de eficácia ou prazer. Não me interessa mais pelo que pensou um autor inencontrável, peço ao texto para me fazer pensar, aqui e agora. A virtualidade do texto alimenta minha inteligência em ato (LÉVY, 2011, p. 49).

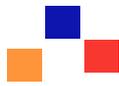
Como se vê, é possível afirmar que a presença contemporânea do hipertexto apenas torna evidente algo que é constitutivo de todo texto: sua destinação a realizar-se plenamente apenas através da maneira como o leitor o presentifica.

Além disso, o hipertexto parece compartilhar com toda experiência humana o fato de se dar através de rastros, tal como os compreende Derrida:

Para mim, há rastro assim que há experiência, isto é, remissão a outro, *différance*, remissão a outra coisa etc. Portanto, onde quer que haja experiência, há rastro, e não há experiência sem rastro. Portanto, tudo é rastro, não apenas o que escrevo no papel ou registro numa máquina, mas quando faço isto, tal gesto, há rastro. Há vestígio, retenção, protensão e, portanto, relação com algo outro, com o outro, ou com outro momento, outro lugar, remissão ao outro, há rastro. O conceito de rastro, digo-o com poucas palavras porque isso exigiria longos desenvolvimentos, não tem limite, ele é coextensivo à experiência do vivo em geral. Sobre esse fundo geral e sem limite, o que chamamos de arquivo, se a palavra deve ter um sentido delimitável, estrito, supõe naturalmente rastro, mas que o rastro seja apropriado, controlado, organizado, politicamente sob controle (DERRIDA, 2012, p. 129-130).

É possível ler na citação acima que o rastro é algo anterior ao arquivo e que este seria já a imposição de um controle, de uma forma, de um princípio de sistematização sobre o que se oferece como rastro. Neste sentido, ao compreendermos o hipertexto como constituído de rastros, capturamo-lo ainda como algo que se configura tanto a partir de liberdade quanto de coerção, pois quem saberá dizer com certeza que rastros podem se dizer pré-constrangidos, quais rastros são tomados de arquivos anteriores?

Claro está também que o hipertexto desafia noções bastante importantes dentro da tradição dos estudos literários, tais como obra e livro. Entretanto, é importante ressaltar que Michel Foucault (1995) já havia assinalado que a delimitação, a individualização da obra é, só aparentemente, algo simples e óbvio:



Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos (FOUCAULT, 1995, p. 26).

No que diz respeito à noção de obra, segundo Foucault, a dificuldade aumenta, já que nunca se sabe quais textos considerar como parte do conjunto que configuraria a obra de um autor. Foucault está interessado na descrição dos acontecimentos discursivos, nas condições de existência dos enunciados, o que requer inevitavelmente a reconstrução de uma rede de conexões entre enunciados (FOUCAULT, 1995, p. 31).

A partir dessas observações, entendemos que todo processo de configuração de sentido se dá a partir não de unidades delimitáveis, como texto, livro, poema, mas do estabelecimento de uma rede composta por ligações entre si, sem fronteiras definidas, cuja conexão pode ser efetivada com outros livros e afins, evidenciando um nó como uma rede rizomática<sup>4</sup>: sempre ligado a outros livros, imagens etc.

Vale lembrar o conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, de Jorge Luis Borges (1998, p. 490-498). Em seu projeto de reescrever Dom Quixote, o personagem Menard fracassa justamente porque, apesar de poder escrever um texto idêntico ao de Cervantes, este será atualizado através de outras conexões, tanto por ser derivado do texto anterior quanto por inserir-se em um novo contexto que o provê de sentido. Para escrever o mesmo *Dom Quixote*, Pierre Menard teria, segundo o narrador do conto de Borges, não só que dominar o espanhol, mas, entre outras coisas, que “esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918 [...]” (BORGES, 1998, p. 493). Através de Borges, aprendemos, portanto, que cada contexto transforma um mesmo texto em diversamente outro.

Na própria definição do hipertexto contemporâneo, este que emerge do meio digital, se encontra a experiência de leitura textual. Vejamos como o define Pierre Lévy:

O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, *então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura* (LÉVY, 2011, p. 43, grifo do autor).

Dessa maneira, não é difícil compreender que o autor também prevê a não linearidade. O hipertexto não se restringe ao aparato eletrônico, mas se define como um processo de

---

4 “[...] o sistema-radícula, ou raiz fasciculada, é a segunda figura do livro da qual nossa modernidade se vale de bom grado [...] a realidade natural aparece no aborto da raiz principal, mas sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.14) – Raiz abortada como uma desconstrução dos padrões clássicos de texto, lineares.

escrita em rede. O autor aponta os princípios que norteiam a estrutura hipertextual, a contínua reconstrução e renegociação, a diversidade dos nós e conexões diversas que permitem confluir pessoas, grupos, artefatos etc. Lévy concebe o hipertexto como um mecanismo capaz de não desprezar nenhum outro sentido que vá aparecendo.

O pensamento que norteia o presente artigo pode ser traduzido da seguinte forma: “o procedimento hipertextual, marcado por características como a escrita em teia, a conexão, a quebra da linearidade, a diversidade de linguagens não surgiu no computador” (WANDELLI, 2005, p. 28 apud MOURA, 2011, p. 44). Hipertexto é aqui considerado uma relação com a escrita e com a informação, independente do meio em que se instaura.

Segundo Claudio Moura (2011), “o que se tem hoje é resultado de uma evolução dos meios de produção textual que tornaram mais claras as facetas já existentes da textualidade no que diz respeito a esse fazer especial e diferenciado que é o hipertexto” (MOURA, 2011, p. 45). Acima de tudo, o hipertexto nos torna conscientes do caráter enredado dos diversos discursos. No caso da literatura, o hipertexto nos convida a problematizar unidades como livro, narrativa, poema.

Classificar o hipertexto como algo inato ao meio digital é, de certa maneira, negar todas as relações dos textos com seus autores, leitores, contextos, tempo e espaço. Devemos concordar com Claudio Moura quando fala que “o pedestal no qual foi posto o computador parece mais fruto de um deslumbramento da humanidade” (2011, p. 45). Logicamente, não há como desdizer todas as mudanças comportamentais, sociais e psicológicas advindas do meio digital; há que assumi-las, contestá-las e tentar entendê-las, não apenas naturalizá-las.

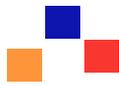
N. Katherine Hayles, em *Writing machines*, defende que o “hipertexto possui no mínimo as três características de caminhos múltiplos de leitura, texto em pedaços e algum tipo de mecanismo de linkagem para conectar esses pedaços”<sup>5</sup> (2002, p. 26. Tradução nossa). Adair Neitzel, em sua tese *O jogo das construções hipertextuais: Cortázar, Calvino e Tristessa* (2002), concorda com Hayles e elenca quatro princípios básicos do hipertexto:

1. O hipertexto é um composto de redes e nós;
2. O hipertexto se constitui pela reversibilidade<sup>6</sup>;
3. O hipertexto oferece ao leitor mais possibilidades de interação;
4. O hipertexto se constitui por uma sequência de engastes.

---

5 Cf. o trecho original: Hypertext has at minimum the three characteristics of multiple reading paths, chunked text, and some kind of linking mechanism to connect the chunks.

6 “O princípio da reversibilidade concebe o hipertexto como um texto multisequencial, multilinear e multidimensional. Para tal, é fragmentado em blocos, e esta ação oferece ao texto vários prolongamentos, desfocados, atemporais, bifurcações que constroem uma produção contínua. À medida que a leitura não segue a numeração das páginas nem uma unidade de tempo, o leitor necessita efetuar a todo instante operações de montagem que exigem desvios da narrativa principal, uma fuga que intensifica a complexidade do narrável, e configura-se assim um espaço duplo de escrita e leitura” (MOURA, 2011, p.48).



Assim, os 'nós' (*links*) acabam por formar uma rede que conecta grupos de textos, imagens e sons, por meio de um movimento descontínuo de 'ir e vir', levando a uma maior interatividade, uma vez que a escolha do caminho a ser percorrido é determinada pelo leitor. Tal qual o *memex* citado anteriormente neste ensaio, o hipertexto embasa-se no funcionamento da mente humana, nas sinapses neuronais, no próprio fluxo associativo do pensamento. Quando se trata de um texto impresso, um bom leitor é capaz de fazer 'ligações mentais que o levem a outro texto, ou até mesmo fazê-lo no plano físico, ao dirigir-se a uma fonte qualquer' (MOURA, 2011, p. 49).

É tarefa não somente do leitor, mas do autor tornar esses caminhos transitáveis, ou seja, proporcionar uma remissão da leitura a outras leituras, dentro da própria obra ou fora dela, assim como explicita a citação abaixo:

O leitor pode ir e vir entre obras por meio de associações que ele faz livremente ou que se mostram engastadas em alguma(s) marca(s) deixada(s) pelo autor ao longo da sua obra. Essa(s) marca(s) pode(m) ser uma(s) nota(s) de rodapé, um (uns) título(s), uma(s) alusão(ões) clara(s) a outra(s) obra(s) qualquer (quaisquer), um (uns) acontecimento(s) histórico(s), uma(s) citação(ões) ou qualquer outra coisa que se encontre, explícita ou não, mas que incite o leitor a transcender aquele texto, seja ele em papel ou eletrônico (MOURA, 2011, p. 49-50).

É também possível contestar que a escrita se realiza de forma diferente no meio eletrônico, mesmo com as ferramentas disponíveis, tal como Neitzel acredita:

[...] a estruturação do texto não apresenta elementos distintivos daqueles que compõem o texto hipertextual impresso. Uma obra que não tenha sido projetada segundo os quatro princípios<sup>7</sup> se mantém fechada, mesmo estando num suporte fluído, maleável como o eletrônico (2002, p. 14).

Vale acrescentar a estas notas a assertiva de Philippe Seyer (1991) sobre o tema proposto. Seyer define o hipertexto da seguinte forma:

Texto não linear, ou não sequencial. Isto é, o texto é organizado de maneira que você possa facilmente saltar de um tópico para outro. Não é necessário ler o texto em uma sequência fixa. Apesar do hipertexto ser melhor representado em um computador, pode-se achá-lo em documentos simples de papel (1991, p. 01, tradução nossa)<sup>8</sup>.

---

7 Os quatro princípios que a mesma autora usou para delimitar o que seria um hipertexto e que foram neste ensaio anteriormente citados.

8 Cf. o trecho original: "nonlinear, or nonsequential, text. That is, the text is organized so you can easily jump around from topic to topic. You do not need to read the text in a fixed sequence. Although hypertext is probably best brought to life on a computer, you can find hypertext in simple paper documents."



Há que se considerar, portanto, o hipertexto como um fenômeno presente no 'fazer literário' com uma estética diferenciada de leitura/escrita e que pode ser observado em infinitos textos, entre eles o livro *As mil e uma noites*, como assinala Moura (2011).

*As mil e uma noites (Alf LailahOuaLailah)* e seu encadeamento contínuo de histórias – uma história dentro da outra – usa já, no século IX, um sistema de links muito próximo do que se tenta aqui explicitar enquanto hipertexto. Sherazade narra, noite após noite, um novo conto, interligado ao da noite anterior, para o sultão Schahriah, em uma espécie de *mise en abyme*. Dessa maneira, o sultão teve contato com *Simbad, o marinheiro*; *Ali Babá e os quarenta ladrões* e *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, entre outros, pertencentes às *Mil e uma noites*. Todas essas histórias foram narradas por Sherazade que, de certa forma, como leitora, relatava algo que existia na sua subjetividade, assim como Schahriah não era apenas um ouvinte, pois participava ativamente do processo.

Como exemplo de hipertexto, *As Mil e uma noites* contempla as características inerentes ao objeto aqui estudado, uma vez que

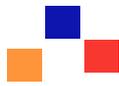
O leitor pode, inclusive, saltar o relato dos contos e se ater somente ao que acontecia entre Sherazade e Schahriar, mas mesmo assim eles estariam lá, apenas esperando serem percorridos por quem se aventurasse em seus terrenos, da mesma forma como um texto disposto em uma página qualquer da *internet* (MOURA, 2011, p. 53).

Apesar de tais textos estarem dentro de um livro (e hoje não somente, pois se encontram disponíveis na rede), os contos não estão aprisionados em qualquer material ou suporte, seja ele de papel ou não. O texto tem liberdade de transcender de acordo com seu leitor.

Portanto, as noções de virtualização e atualização que Pierre Lévy aprofunda levaram à construção de um possível 'hipersujeito'. Além disto, através do desdobramento e desterritorialização do texto em si mesmo, trazidos por Deleuze, Foucault e Derrida, cuja concepção de rastro é algo imprescindível para a formação de um hipertexto, esperamos ter dado conta das questões sobre o tema proposto, cuja intenção era desvincular, ou melhor, desnaturalizar a ideia de que o hipertexto já nasce no ambiente digital. Logo, tanto o texto como as percepções mudam ao longo do espaço-tempo; o leitor passa pelas mesmas metamorfoses, talvez de maneira diferente, mas inerentes às sujeições construídas ao longo do seu percurso, sempre considerando que tal percurso não deixa de ser um hipertexto.

## Conclusão

Dizer, entretanto, que o hipertexto não nasce no meio digital não é o mesmo que ignorar o fenômeno em sua historicidade. Lembremo-nos da afirmação de Lévy de que "os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura" (LÉVY, 2011, p. 43). Seria preciso considerar que o hipersujeito que se configura no contexto contemporâneo tem a seu dispor formas de exteriorização que passaram por um longo processo de transformação.



Trata-se, principalmente, das formas como a subjetividade se articula num processo de dobradura que envolve as relações entre o corpo e as diferentes linguagens.

Hans Ulrich Gumbrecht (1998) já assinalou de forma bastante pertinente que a invenção da imprensa e, portanto, a emergência de um texto que pode circular independentemente daquele que lhe dá origem, e em relação ao qual adquire autonomia, representou o recalque do corpo e a emergência da moderna dicotomia entre corpo e espírito (GUMBRECHT, 1998, p. 67-108). Trata-se de um contraste claro e evidente com o mundo da oralidade, em que não somente nas interações cotidianas, como também na própria literatura, o corpo era o eixo sobre o qual aconteciam tanto a transmissão quanto a recepção de mensagens.

A autonomia do texto em relação ao corpo é justamente o que vem a ser de novo modificado no hipertexto em meio digital. Tal como observa Heidrun Krieger Olinto,

Textos inseridos na rede de computadores eletrônicos não existem por si, mas enquanto constelações relacionais atualizadas por fruidores ativos que mobilizam as suas potencialidades intelectuais, as suas sensibilidades e sensorialidades em processos mentais e corporais concretos e contextualizados (OLINTO, 2009, p. 72).

Se é possível hoje falar de um hipersujeito, é justamente porque o sujeito contemporâneo tem a seu dispor recursos de exteriorização em que todos os sentidos entram em ação. A centralidade da escrita e da imprensa, é importante notar, é também a primazia da visualidade na relação com a linguagem. Já o hipertexto em meio digital possibilita que os nós se articulem entre palavras, imagens estáticas ou em movimento e sonoridades, algumas vezes de forma simultânea.

O hipersujeito corresponde, portanto, a um corpo hiperativado em suas diversas sensorialidades e em relação ao qual não cabe pensar em uma espiritualidade que não se constitua na e pela matéria corpórea em sua infinita capacidade de desdobrar-se através da percepção: mente, olho, voz, ouvido se aliam à motricidade na ação interativa e problematizam de forma radical a compartimentação de noções como autoria, escrita e leitura.

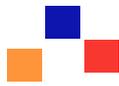
## Referências

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa Infinita-1**. A palavra plural. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. In: **Ficções**. Obras completas, v. I. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Papyrus, 2000.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 1. Rio de Janeiro: 34 Letras, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver: escritos sobre a arte do visível**. (Org). MICHAUD, Ginette; MASÓ, Joana; BASSAS, Javier. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Technologies of self. In: MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON H. Patrick (editors). **Technologies of the self**. A seminar with Michel Foucault. Great Britain, Tavistock Publications, 1988, p. 16-49.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: 34 Letras, 1998.

HAYLES, N. Katherine. **Writing machines**. Cambridge: MIT, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34 Letras, 2011.

MOURA, Cláudio Augusto Carvalho. **Na trilha do hipertexto: Ítalo Calvino e as cidades invisíveis**. Teresina: UFPI, 2011.

MUNSTER, Anna. **Materializing new media: embodiment in information aesthetics**. Hanover, New Hampshire: Dartmouth College Press, 2006.

NEITZEL, Adair A. **O jogo das construções hipertextuais: Cortázar, Calvino e Tristessa**. 322 f. 2002. Tese (Doutoramento em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2002

OLINTO, Heidrun Krieger. Processos midiáticos e comunicação literária. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Literatura e mídia**. 2. ed. São Paulo: PUC/Loyola, 2009.

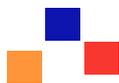
SEYER, Philipi. **Understanding hypertext: concepts and applications**. United States of America: Windcrest, 1991.

Recebido em 30/05/2015

Aceito em 14/09/2015

## Tereza Virginia de Almeida

Graduada em Português-Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1985, Tereza Virginia de Almeida é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991). Doutorou-se na PUC/Rio em 1995, sob orientação da Profa. Dra. Heidrun Krieger Olinto, tendo pesquisado a parte experimental de sua tese, "A ausência lilás da Semana de Arte Moderna: o olhar pós-moderno", sob supervisão da teórica Linda Hutcheon, na Universidade de Toronto, no Canadá, entre os anos de 1993 e 1994. Entre 1996 e 2006, atuou como



Professor Adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina. Desde 2006, é Professor Associado em Literatura Brasileira na mesma instituição. Publicou sua tese em 1998, pela Editora Letras Contemporâneas. Em 1999, esteve em estágio de pós-doutorado junto à Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, sob supervisão de Hans Ulrich Gumbrecht e Jeffrey Schnapp. Em 2000, iniciou suas pesquisas no âmbito da música composição. Em 2004, criou, junto ao Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, o Núcleo de Estudos Poético-Musicais, o Nepom (<http://www.nepom.ufsc.br>), que coordenou até 2009. Ainda no Nepom, atuou como editora da Revista de Estudos Poético-Musicais (<http://www.repom.ufsc.br>) até 2009. Tereza Virginia é poeta, compositora e cantora. Lançou em 2008 o Cd Tereza Virginia e em 2011 o Cd Aluada, sendo o último resultado do Prêmio Elizabete Anderle, da Fundação Catarinense de Cultura. Em 2011, criou o LABFLOR: Floripa em composição transdisciplinar: arte, cultura e política, grupo de pesquisa interinstitucional e interdisciplinar. Entre abril de 2013 e janeiro de 2014, desenvolveu pesquisa em torno do projeto intitulado A voz no arquivo digital: um desafio transdisciplinar, como visitante honorária da Universidade La Trobe, em Melbourne, na Austrália, com bolsa sênior, Capes/BRASIL. E-mail: [tvirginia2012@yahoo.com.br](mailto:tvirginia2012@yahoo.com.br)

### Isabela Melim Borges

Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: ontologia, termos literários, ensino/aprendizagem, DLNotes, ferramentas digitais para o ensino e aprendizagem de literatura e teoria literária. E-mail: [isaballoons@hotmail.com](mailto:isaballoons@hotmail.com)